

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA



SEMANARIO

IMPORTADO

revista literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director artistico e Secretario de Redacção

OCTAVIO GÊRISIO

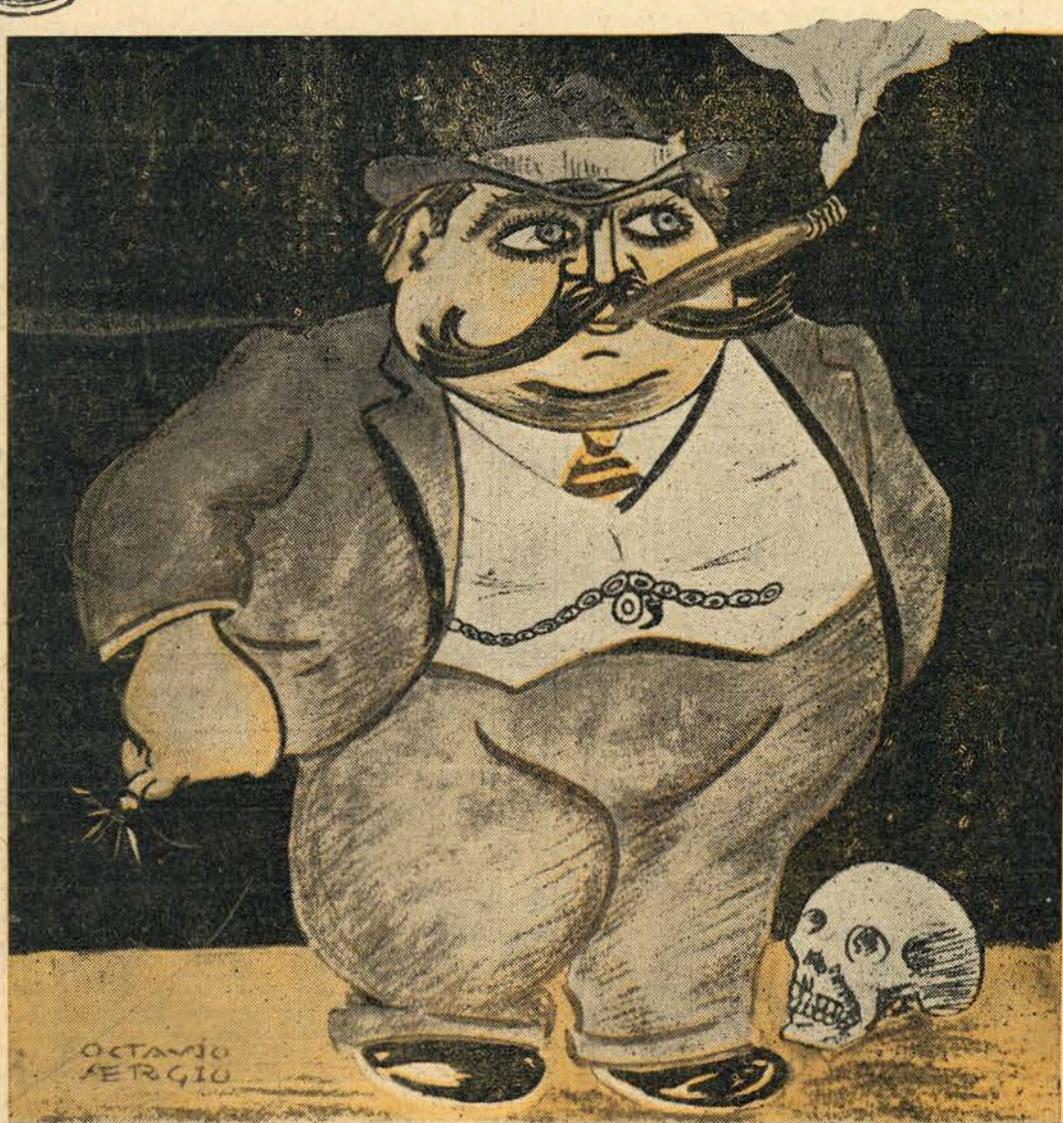
OCTAVIO  
JEA 410



## Maravilhas fatais

I

### O BURGUEZ



Quando come, não pensa; quando pensa, só pensa que come

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.da

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
...: Rua Formosa, 116 ...:

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 5 Porto, 21 de Maio de 1932 Ano I



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que  
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

### 14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Te'ef. 5617.  
Rua das Fontainhas, 193-195.

Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).

Rua de Santa Catarina, 82S (Frente à R. G. Cristovam). Te'ef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Ue'ef. 2484.

Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).

Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Banharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef 9.5.

Rua Anselmo Brancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Te'ef. 314 — FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da  
da Avenida Serpa Pinto). T.lef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR  
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,  
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA  
de vinho autêntico velho do Porto!

## O PINTO Camiseiro

aquele célebre rapaz que anda  
sempre de côco, tem o des-  
côco de declarar que na sua  
casa da

### Rua dos Clérigos

se fazem as camisas mais per-  
feitas.

Tentem desmenti-lo, preferindo  
a sua casa.

Se algum dia a

# MARIA RITA

mudar a sua característica toi-  
lete, irá fazê-lo de-certo na céle-  
bre casa de modas

## Albano Ramos Pais

NA

*Rua de Sá da Bandeira*

e ficará na Última Moda

## ZENITH RÁDIO

A mais alta quali-  
dade em RÁDIO

aos

Melhores preços

## ZENETTE

Séries 1932



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

O jornalista espanhol, José Maria Salaverria, anda muito aflito, de há uns tempos a esta parte, porque os ovos rareiam em Espanha. José Maria deve ter alguma coisa de furão, e, nesta conformidade, tanto furou pelas luras da economia política que chegou à conclusão de que o seu país não pode progredir enquanto as galinhas suas patricias se não resolverem a pôr... de lado as práticas maltusianas.

Até aqui, está certo: Já que as gemadas são condição especial para a prosperidade do berço natal de Cervantes, justo é que José Maria se indigne e invective os galináceos que não cumprem o seu dever. O que não está certo é que o jornalista em questão exare o seu protesto insultando os outros.

E' assim que êle se exprime no «A B C»:

*«Esta insuficiência oval que os espanhóis estão sofrendo coloca-nos num plano de inferioridade em relação a todos os povos do mundo. Qualquer país tem mais ovos que a Espanha. Qualquer povo insignificante ou desprezível, como Marrocos, Portugal, Turquia ou China, se permite o luxo de fornecer ovos à Espanha.»*

Isto é que se chama, em boa linguagem popular, comer-nos os ovos e dar-nos depois com os pratos na cara. Parece que José Maria, além da insuficiência oval, sofre também de insuficiência circular. Quadrado como uma couçoira! De resto, falta à verdade quando apresenta todos os outros países a nadar em ovos. Há algumas nações insignificantes e desprezíveis, como Andorra, Espanha, Mónaco e Liechtenstein, assoberbados pela crise oval.

Crise, afinal, muito fácil de resolver. Se os espanhóis abandonassem o luxo de ingerir omelettes, já nós, mais os marroquinos e os chineses, nos não permitiríamos o luxo de lhes fornecermos a matéria prima.

Corações ao alto, galinhas espanholas! Suspendei o vosso monótono cacarejo para atenderdes as exortações do angustiado José Maria! Sede patriotas! Lembrai-vos de que a Espanha vos contempla ansiosa e vai tombando em apática astenia à falta de lecitinas! Cobri de ovos a granel, grandes como seixos do Manzanares, o solo estéril das vossas capoeiras! Cada ovo que derdes à pátria secará uma lágrima de aflição nas faces macilentas de José Maria!

E afinal, talvez não sejais vós as únicas responsáveis da nefanda calamidade. A culpa deve ser também dos galos, que, assustados pelas greves, incêndios, atentados e insubordinações de toda a hora, se estão há um ano, portando — como franganitos...

Discutem acaloradamente a imprensa e os médicos franceses se o russo Gorguloff, assassino de Paul Doumer, é ou não um demente:

Ao mesmo tempo, verifica-se que o facinora era casado, pela quarta vez.

O' senhores! Querem maior prova de falta de juízo?

Andam desesperados os irmãos da Lapa porque, tendo esportulado uns milhares de es-



Dr. Abel Pacheco

cudos para usufruírem o direito de hospitalização e medicamentos quando enfermos, a Irmandade lhes recusa uma e outra coisa.

Chamamos para o caso a atenção do ilustre operador Sr. Dr. Abel Pacheco, que, depois de

haver dedicado à prosperidade daquela instituição o melhor do seu esforço, se afastou um belo dia, — coisa que os mesários nunca fizeram, mesmo depois de afastados por determinação ministerial.

Pedimos a sua excelência que empunhe o bisturi. A Lapa está a precisar uma lapa... rotomia.

Repararam que *A Voz*, sempre tão pronta a exalçar as medidas governamentais, emudeceu no que respeita ao projecto da nova Constituição, já conhecido, nas suas linhas gerais, pelo último discurso do sr. ministro do Interior?

Achou-o, provavelmente, muito democrático. E o destemido jornal católico odeia a Democracia.

Nós damos-lhe razão. Seria muito melhor — uma Nemoocracia.

A mãe, para o filho:

— O teu pai não está satisfeito com o teu comportamento escolar. O Director do Colégio queixou-se-lhe muito de ti.

— E o papá ligou importância a isso? Quem há que se não queixe hoje em dia?

Uma senhora de cinqüenta anos, para a criada:

— Vá à livraria Martins e traga-me o livro «Maneira de conservar a beleza». Mas não se demore, ouviu?

— Vou num pé e venho noutro, minha senhora. Bem vejo que é muito urgente!

Marcial JORDÃO.



MARIA RITA, como vais tu? Não te doi o anafado peito das graças que te escrevem os teus tão preclaros e espirituosos *mesteirais*, que tantos e tão ridentes conceitos estampam em prosa, verso e desenho vistoso? Pois, à medida que cresces em números, cada semana, mais chiste te acho, mais sal, do ático, te vai no sorriso franco, popular, anedótico, com laracha...

Cá estou no Pôsto à espera dos clientes. Veio uma menina cinéfila, recomendei-lhe casca de laranja... Veio um menino do futebol, prescrevi-lhe duas peras...

Tanto ela como êle, ficaram assarapantados! Precisavam, porém, de ser nudistas, para doírem a pele como aos pimpolhos da Avenida. Ao princípio, perto dêles, estacionavam basbaques. Agora, já se habituaram a ver aqueles refegos e aqueles pomos. E' tudo assim...

Em Pompeia (no comêço da Era de Cristo) era tudo também ao natural. Aqueles frescos eram bem *frescos*. Ainda lá estão à mostra de quem vai até essas ruínas a descoberto. Quando a Mulher nua primeiro surgiu, tu, MARIA RITA, sorriste, magana. Agora, quem te dera seres assim.

Dr. RACLIMA.

## O nome é tudo



Ela — Quem lhe deu licença para se me dirigir... Nem sequer sei o seu nome...

Ele — Chamo-me José.

Ela — Ah! Então pode continuar.

**Um pobre rapaz, cheio de vícios, encontra na rua uma carteira recheada, e comete o horrível crime de a entregar na primeira esquadrã, deixando assim na miséria aos seus pobres pais e a dez irmãozitos, um dos quais é surdo-mudo de nascença.**

Não há dúvida nenhuma que estamos na época das grandes reportagens sensacionais. Mal o calor põe os pés de fora, logo o organismo humano se desloca e comete as maiores infâmias. Damos em seguida o relato do primeiro crime, que traz alarmada a ordeiríssima falange das classes médias portuguesas. Relatamo-lo porque êle, na sua essência, resume o carácter acelerado desta época de coisas tremebundas, em que se não respeita nem os pais, nem aos alfaíates se paga a primeira prestação semanal. Ei-lo:

### Como se desenrolou o drama

Na tarde do dia 10, seriam nove horas da manhã, pelo sol, e aquelas que calham pela hora nova, regressavam da escola alguns rapazitos, alegres como pássaros em Janeiro, e saltitantes como a Elsa na Frasquita. Dir-se-ia que a própria natureza cantava hinos ao Soldado Desconhecido, quando se não quando, um dêles solta um grito:

— Achei! Achei!...

E tinha achado, realmente. Era uma carteira sem iniciais, com duas dúzias daquelas fôlhas numeradas que valem pelo menos um conto sem um canudo.

E logo todos os outros se reuniram em volta de Manecas Seresma (era assim que se chamava o lamentável fruto), e todos quiseram ver o grande achado dêle:

— Bravo! São notas de quilo!...

E então, calculem VV. Ex.<sup>as</sup> o que fêz o Manecas! Em vez de correr para casa a dar conta do achado a seu pai, como faria um filho de outra época menos depravada do que esta, de que se lembrou o Seresma?... Foi entregá-lo na primeira esquadrã, onde ainda por cima o obrigaram a declinar a sua identidade, o que êle fêz de muito má vontade, porque não tinha geito nenhum para aquelas coisas.

### Antecedentes do Seresma

Manecas Seresma, nasceu ao contrário, e no dia em que sua mãe fazia anos de casada. Por êste particular já se pode deduzir e bem das inclinações do Manecas, que veio logo de comêço estragar os anos da mãe.

Desde os três aos nove anos, foi muito doentinho. Quási que se pode dizer que não esteve em pé, mais do que o tempo necessário para que lhe fizessem a cama de lavado.

Teve: escarlatina, seis vezes; sarampo, quinze vezes; febres tifóides, quarenta e cinco vezes; e entupidelas tôdas as sextas-feiras. De onde se prova que o criança em referência era um detrito.

### Em casa do abôrto

Depois de colhermos os elementos acima, corremos a casa do Manecas, com o intuito louvável de entrevistarmos a família. Mal chega-

mos, fomos abordados por uma vizinha que nos declarou imediatamente que tínhamos perdido os passos. Em face disto tentamos recuperar sangue-frio, (devia ser os passos, mas vá lá) e dissemos:

Mas nós viemos aqui apenas para entrevistar os extraordinários detentores dêsse rebento.

— Ah! Se é só para os entrevistar, faça o favor de olhar pelo buraco da fechadura.

### Um buraco acolhedor

E foi assim que conseguimos olhar para o interior.

Num quarto pobre, via-se um homem em mangas de camisa, que agitava os braços desordenadamente, virado para um canto. De quando em quando atirava, ora um espelho de guarda-vestidos, ora uma mezinha de cabeceira com o respectivo contrapêso, ora uma cadeira de assento, ora bolas.

Do outro lado, uma mulher sem idade rectificada, com sete filhos no ventre. E no tal canto para onde se dirigiam os insultos e a mobília, um montãozinho de carne, que devia ser, sem dúvida, o delinqüente. E berros, e gritos, e mais nada.

### A sorte do jornalista

Estávamos nisto, com o ôlho colado ao buraco, quando sentimos bulir na fechadura. Era o pai do Seresma que vinha tomar ar. Fazia isto de meia em meia hora, porque já não tinha nada à mão com que cortasse o ar, e a atmosfera dentro era irrespirável.

Agarramo-lo. E na defesa do nosso plênissimo direito de jornalistas pedimos-lhe explicações sôbre o fenómeno do seu ser. Ouçamo-lo:

— Ah! E' jornalista!? — Disse puxando as mangas da camisa para baixo e pousando um machado de dois gumes. — Pois meu amigo, eu mal posso falar, porque êsse bandido do meu filho pôs-me maluco! Que vergonha para a família...

A baba escorria-lhe da bôca, furioso, quando lhe pedimos explicações:

— Explicar? E como quer que eu possa explicar um acto que não tem explicação possível? Isto é vergonhoso! Isto estraga o bom nome de todos os Seresmas! Que dirá essa gente que conhece o caso? Dirá, por certo, que são estes os exemplos que lhe damos em casa...

— E agora que pensa fazer? — perguntamos.

— Sei lá! Talvez fugir para a Africa... instalarmo-nos num bosque, de onde ninguém nos veja, e não saiba ninguém do labéu que lanço sôbre nós êsse canalha do meu filho. E depois, sabe. Talvez de lá mande querrelar êsses professores que ensinaram o meu filho, o meu pobre Manecas a praticar acções tão indecorosas como esta. Canalhas! Canalhas!

Soluçava o pobre homem. Pediu-nos licença para ir lá dentro quebrar o resto das louças, e desculpa por não nos poder aturar nem mais um bocadinho.

Dentro redobravam os gritos.

# A Semana do Livro

Fomos informados de fonte limpa que a Semana do Livro de 1932 vai ser inaugurada no Pôrto no próximo dia 28 do corrente. E a MARIA RITA, que é uma mulher de letras, deitou-se a investigar o que seria este ano a segunda Semana do Livro. Ai teem o que conseguiu apurar:

## Características

- A semana terá dez dias como teem quasi sempre tôdas as semanas.
- Será em plena Praça da Liberdade, à sombra do cavalo, porque os livreiros juraram fazer do burro doutor.
- Vender-se-á de tudo e por qualquer preço, desde os *Bordas de Agua* até aos sonetos do senhor Cunha da Rasa que também andam pelas bordas da perfeição.
- Música no meio, música no fecho e música na abertura.
- Discursos inflamados pelo Costa da Editora.
- Conferências dramáticas pelo Martins da Livraria.
- Conselhos bem pensados pelo sr. Raul Lelo.
- Rifa de um aparelho de T. S. F.

## Os expositores

Osexpositores são sempre os mesmos, e os livros também serão os que cresceram do ano passado, a não ser a edição definitiva dos *Lusíadas* e a colecção completa das obras de João Maria Ferreira. A MARIA RITA e a mãzinha Dona Civilização também vão ter o seu Stand, se lho fornecerem de graça, que é para não desmentir a sua característica de jornal humorístico.

## Coisas que se irão passar nos diversos stands

No stand da *Livraria Tavares Martins*; à meia-noite, o Martins pai olha para a caixa; é o último olhar de Jesus. Mas entra ainda uma senhora e compra: *Senhora do Amparo*. Fere-se um filho, e êle recomenda-lhe que deite *Camilo Alcoforado*. O filho não aceita a última ordem do pai.

No stand da *Livraria Fernando Machado*. E' êle quem fala quando entra uma senhora loira:

— Autêntico coiro da Rússia, minha senhora. São dez contos, não paga a encadernação. Isto é uma preciosidade.

Entra um cavalheiro tipo Palha Blanco, como os melões:

— Veja estes ferros... curtos, bem trabalhados, uma perfeição; 5 contos apenas, e não paga a encadernação.

A um coleccionador de raridades: — Tenho aqui este livro de 1710 A. C. E' uma obra póstuma e tem a assinatura do autor. São 2.500 escudos, e dou-lhe o livro de graça.

No stand da *Livraria Chardon*:

E' tudo *grave*. Um ou outro livro quasi de graça. Ao balcão o D. Quixote e o Primo Basílio. Prémios e mais prémios. Mas a *Cabeça a Prémio* está no Stand da *Companhia Portuguesa Editora*, onde o Costa varre canelhas e fala em T. S. F. para o vizinho, o Domingos Barreira,

do stand da *Livraria Lopes e C.<sup>a</sup> Suc.* aonde a *Rosa do Adro* adeja simplíssima, num ambiente de colchas de damasco; e por fim o

*Guedes da Silva*, que faz do novo velho, e do velho novo, procura que os compradores, prefiram as primeiras

edições de tudo. O Guedes da Silva, o Mártir da Liberdade ou da Sovela, tem de tudo: até lábia.

Para a semana daremos melhores e mais circunstanciados informes desta *Semana do Livro*, que para os livreiros se deve transformar na semana da libra com certeza.



## PERFIS DO PORTO

V

### Dr. Henrique Navarro



*Especialista de doenças mentais*

(Não levamos nada pelo réclame).

V



— Dizem que um médico russo inventou um processo para se viver eternamente.

— Há muito estúpido no mundo! Esse com certeza não sabe que se morre de fome.

## Casos da rua

**Por inutilização de instrumento** — Queixou-se à polícia o sr. Fausto, tocador de requinta na filarmónica *Os Treze de Orfeu*, de que sua mulher, feita com o mestre da banda, lhe inutilizou o instrumento.

Não poderá assim, como costumava, requintadamente, tocar mais na requinta.

**A nuvem por Juno** — Também o mesmo se queixou à polícia contra uma firma francesa de medicamentos, pois que, tendo-lhe escrito a pedir remédios contra uma grande constipação que trazia, lhe mandaram um irrigador.

**Prostrado na rua** — Pela automaca dos Bombeiros Voluntarios, foi ontem levado para sua casa o sr. Zé Tripeiro, por ter sido acometido de um ataque em plena via pública. Deu

lugar ao acidente o ter-lhe dito um gracioso (brincadeiras de mau gosto) que a MARIA RITA era um jornal sem piada.

**Quem o alheio veste, na Praça o despe** — Por um empregado de uma conhecida casa de modas desta cidade foi ontem completamente despido em plena Praça da Liberdade um cliente que não queria pagar a conta. O pobre homem, para disfarçar, foi-se sentar comodamente ao lado da Senhora Húmida, também a fingir que lavava os pés.

**Ordem de despejo** — Por se achar desempregado e, portanto, não fazer nada já há muitos dias, recebeu ontem ordem de despejo o sr. Jacinto Dóres. Para que a ordem fosse cumprida foi preciso um frasco de óleo de ricino.

**Vidros inquebráveis** — Por causa de uma discussão a respeito dos vidros Triplex (inquebráveis), quebraram há dias os óculos ao nosso amigo Rufino.

## A crise do desemprego

O Fagundes era um funcionário de finanças de terceira classe, porque durante toda a sua vida nunca viajou noutra repartição qualquer.

Zeloso cumpridor dos seus deveres, quando morreu só deixou dívidas, para que se não dissesse que fugia à regra geral.

Nem um dia só, durante os vinte-e-seis anos que serviu a Pátria de caneta em riste e olhos em choraste, deixou de comparecer à sua terceira repartição, assim chamada também, porque só à terceira repartição do serviço é que começavam a fazer alguma coisa.

E se disse que nem um dia faltou à chamada, disse muito bem, porque até no dia em que morreu foi assinar o ponto.

Porque o Fagundes morreu no seu posto de terceiro oficial de terceira classe, na terceira repartição. Levou-o para o outro mundo uma grosseiríssima congestão, num dia em que a comida foi dobrada... com feijão.

Escusado seria ter dito a VV. Ex.<sup>ta</sup> que o Fagundes era solteiro. Todos os funcionários da classe dêle teem de ser solteiros.

Por isso, quando os colegas e o chefe deram com o cadáver do Fagundes a escrever na secretária, abriram uma subscrição e mandaram vir o armador com o caixão respectivo.

E' claro que isto se soube cá por fora. E ainda não tinham decorrido quarenta minutos e já uma bicha enorme de pretendentes ao lugar de Fagundes esperavam ansiosamente ser recebidos pelo chefe da Repartição.

E ao mesmo tempo em que as mangas de alpaca do falecido eram crusadas sobre o peito dêle, já no caixão, foi recebido o primeiro.

Entrou como entram todos os pretendentes com mais de dez recusas: a torcer o chapéu nas pontas dos dedos. O chefe, como todos os chefes que se prezam, nem o olhou. Limitou-se a perguntar o que é que queria.

— Saberá Vossa Excelência que de-sejava ocupar o lugar do Fagundes e vinha pedir a influência de Vossa Excelência nesse sentido.

Ao ouvir isto, o chefe, ergueu a cabeça e fitou o homem. Via-se bem o espanto pintado nas feições, e fixava de tal forma o pretendente que êste se julgava já deslocado ali.

— Dizia então Você que quer ocupar o lugar do Fagundes? — perguntou por fim.

— Saberá Vossa Excelência que tenho nisso o maior empenho. Há três meses que tenho passado uma vida de desgraça e queria ver se isto acabava...

O chefe tornou a fitá-lo, a mirá-lo, pensou um bocadito, e acrescentou:

— Bom. Eu cá por mim não me oponho, dou-lhe até uma recomendação; mas acho conveniente que vá primeiro falar com o armador...

ZÉ RIDENTE.

# Ondas de Rádio

Porque os trabalhos da Última Assembleia Geral, preparatória do primeiro congresso de radiotelefonía, realizada na pretérita quinta-feira, terminassem a uma hora tão adiantada, que não houve relógio nenhum que a marcasse para que lhe não chamassem avançados, não podemos dar hoje o relato dessa reunião. Podemos, no entanto, noticiar com agrado que foram recebidos trabalhos esplêndidos firmados pelos seguintes radiófilos:

Dr. Amílcar de Sousa,  
Dr. Campos Monteiro (pai),

Vítor França,  
Três Calheiros Lobos,  
Francisco Bravo e Corte Real,  
Júlio Silva,  
Henrique de Aguiar (pai e filho),  
MARIA RITA,  
Domingos Ferreira,  
Tomaz Pessoa,  
José Cândido de Almeida,  
Casa Forte,  
António Rodrigues e Arsénio de Sousa,

Mário Figueirinhas,  
Carlos Lelo, etc., etc., etc., e os mais que inda virão.

O sr. António Calém, continua calado, e parece que não leu o que dissemos a respeito da sua casa no nosso último número.

F. L.



## A Padeira de Aljubarrota

A primeira vista, para quem ler sem meditar, parecer-lhe-á que o aljube arrota; mas não. No aljube só se arrota aquilo que é preciso para a conclusão do processo, e mais nada.

Esta padeira, que vivia numa casita do lugar de Aljubarrota, tinha a graça de Brites de Almeida, e anda para alguns selos da Independência, com uma pá na mão.

A história diz-nos que ela mafou sete espanhóis duma pázada só, mas esta história não é lá muito verdadeira. O que é certo é que os espanhóis morreram, mas não foi com a pá; foi com paizinhos de tipo único que ela lhes distribuiu à laia de prémio.

Brites de Almeida era uma mulher assim como a MARIA RITA. Tinha bigode e era levada dos diabos. D. Nuno Alvares Pereira, que era doidinho pelo pão integral — dos diabéticos — andava a namora-la há uns tempos. E quando,

*deu sinal a trombeta castelhana,*

e as mãs contra o peito os filhinhos estreitaram, D. Nuno fez o mesmo à padeira.

Os meninos de agora costumam fazer isto nas escadas; mas D. Nuno, não! Foi ali mesmo, no campo, em frente dos 100:000 homens da sua hoste que viraram a cara para o outro lado, em sinal de boa educação.

Deste histórico abraço nasceu a razão da nossa independência, e morreu um milhar de espanhóis, porque a padeira, entusiasmada, desatou a distribuir a ração sem dizer como nem a quem...

Um ou outro espanhol ainda conseguia dizer como os lisboetas: E' pá!... Mas ela não estava com meias medidas, era pela medida grande.

É no dia seguinte, quando D. Nuno se ajoelhou para orar, no mesmo sítio onde hoje se ergue o mosteiro da Batalha, pôde ver que muitos dos inimigos ostentavam na cabeça enormíssimos galos e estavam de crista caída.

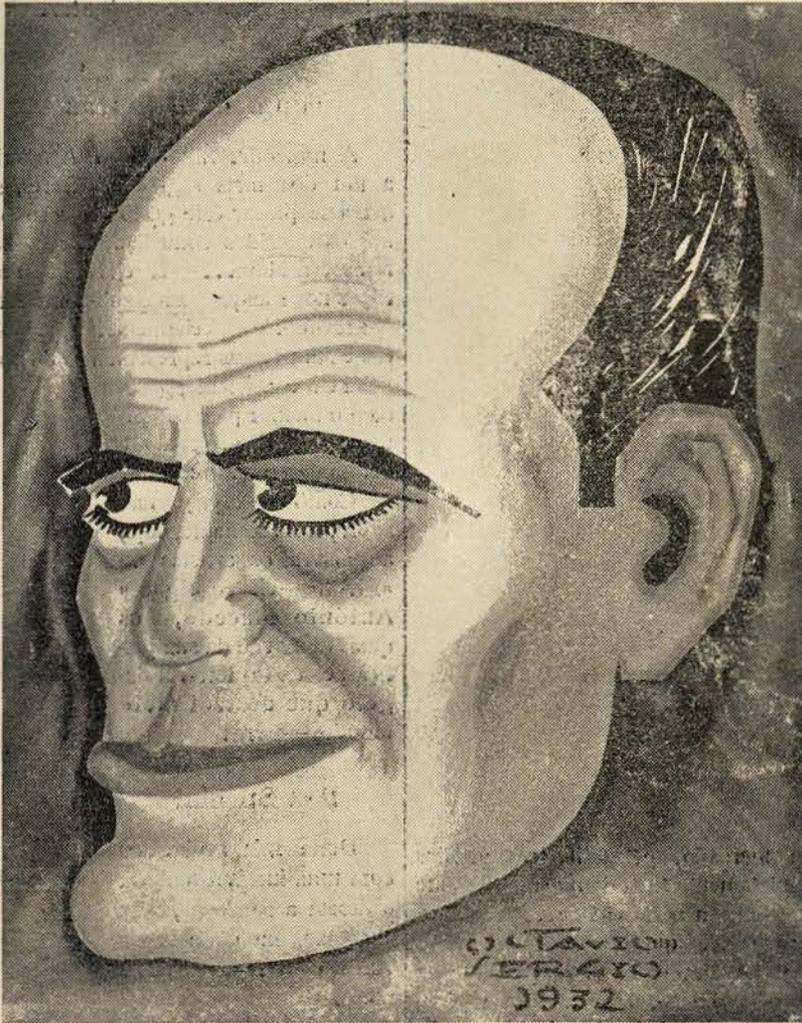
Depois da vitória, a padeira de Aljubarrota foi aquecer o forno e esperar pela massa...

Mas como esta nunca chegasse, contentou-se em fabricar broa de Avintes, e daquelas coisas enroladas de Valongo.

ZÉ.

# COROAS & CARTOLAS

## MUSSOLINI



*Il magnifico Caruzo della politica!*

## IMPRENSA

Com palavras elogiosas referiram-se ao aparecimento do nosso semanário, os seguintes colegas:

*Estrêla da Beira*, que se publica em Manteigas, e o *Debate*, de Aveiro. Agradecemos, penhorados.

COM uma «matinée» no «Sá da Bandeira», uma conferência e um discurso no Ateneu e uma manifestação coreográfica no Palácio há muito cristalizado, acaba hoje, definitiva e irrevogavelmente, a Semana da Tuberculose.

Foram oito dias de boa e salutar higiene, durante os quais ninguém cuspiu para a parte externa, a-fim-de evitar a propagação do terrível mal e bem da espécie. Um valente grupo de senhoras esterilizadas vendeu flores embebidas em poderosos desinfectantes; tomou-se chá filtrado, sem cafeína, dançaram-se tangos «à média luz» de raios ultra-violetas, — tendo os hálitos dos terpsicóricos sido previamente submetidos a uma rigorosa inspecção; os

# A SEMANA DA TUBERCULOSE

## OPINIÕES E ALGUNS ILUSTRES MEDIANTES

### O «Clou» da Semana

foi a Festa do Bolhão, promovida e executada portas a dentro desse higiê-

comprar couve lombarda ou dez tostões de ossos para a sopa!...

Dentro desse adorável mercado onde os perfumes vitalizadores se alastram e a limpeza reparadora abunda, a Saúde cantou um hino à retorcida Vida. — E ao tropeçarem com as boquitas frescas e quentes das admiráveis «estrêlas» e com o petardiante espírito dos ASES da Ribalta, os bacilos de Paulo de Koch metamorfosearam-se numa espécie nova, manifestamente inofensiva e até agradável à pituitária mais metedica!...

### MARIA RITA fala com os Artistas

A nossa D. MARIA RITA faltaria a um dos mais sagrados deveres, se deixasse passar este gesto gracioso dos nossos queridos comediantes, sem lhes folhear a alma... — E' claro que nem todos nos franquearam o sub-consciente, — as senhoras especialmente. Essas bíblicas e sumarentas representantes do sexo flébil e inconsistente, guardam o melhor para os eleitos que com elas privam e confundem os idiomas...

Como o espaço não sobra, teem somente, hoje, a palavra os artistas do «Rivoli» — elenco «signée» António Macedo, — os quais dizer vão da sua justiça acêrca do terrível flagelo que destrói meio mundo, — livra!

### Ilda Stichini

Dona Ilda acolhe-nos com uma inefável miadela e desata a ronronar, tôda enovelada numa almofada verde com reflexos oceânicos.

— «A expectoração» — diz-nos, — «é um gesto antipático para as Artistas

que vibram no tablado. Como tal, colaboro e colaborarei em tôdas as Semanas anti-tuberculosas, a-fim-de evitar o cuspo alheio...»

E, após uma pausa de efeito, a nossa Damasceno Júnior concluiu:

— «Há uma coisa que eu não perdoo ao Dumas Filho: A tuberculose da Dama das Camélias. Não a poderia ter morto com qualquer outra doença constitucional e hereditária?»

### Assis Pacheco

Assis Pacheco, ao ver-nos, abriu muito os óculos, disparando-nos um sorriso:

— «Já no tempo de Aristófanes, os Comediantes se viam gregos com estas semanas. Nessa altura, calçavam o coturno, mudavam de marcação e desciam a quatro, com uma pausa de efeito...»

### Barroso Lopes

Barroso Lopes emudece. Há silêncios que dizem tudo. E como sabe ouvir, cala-se.

Três minutos de silêncio. Depois, como Charles Aubert, divide os momentos mímicos em cinco espécies, opta por uma, e diz-nos:

— «Dizem que há caldo de bacilos?! Porcaria!»  
E salivou, de engulhado...

### Maria Matos

Dona Maria Matos, 1.º Prémio de Tragédia no Conservatório, é a nossa maior actriz cômica da actualidade.

— «Horroriza-me a tuberculose. E quasi que já lhe senti os efeitos, quando, um dia, interpretei a *Malva infelizmente louca!*»

### Carlos Santos

Carlos Santos, o Mestre, é simplesmente catedrático:

— «Que querem que lhes diga? Dizer não é falar. Dizer é modelar.»

Interrompe o discurso, — e com o melhor dos seus sorrisos:

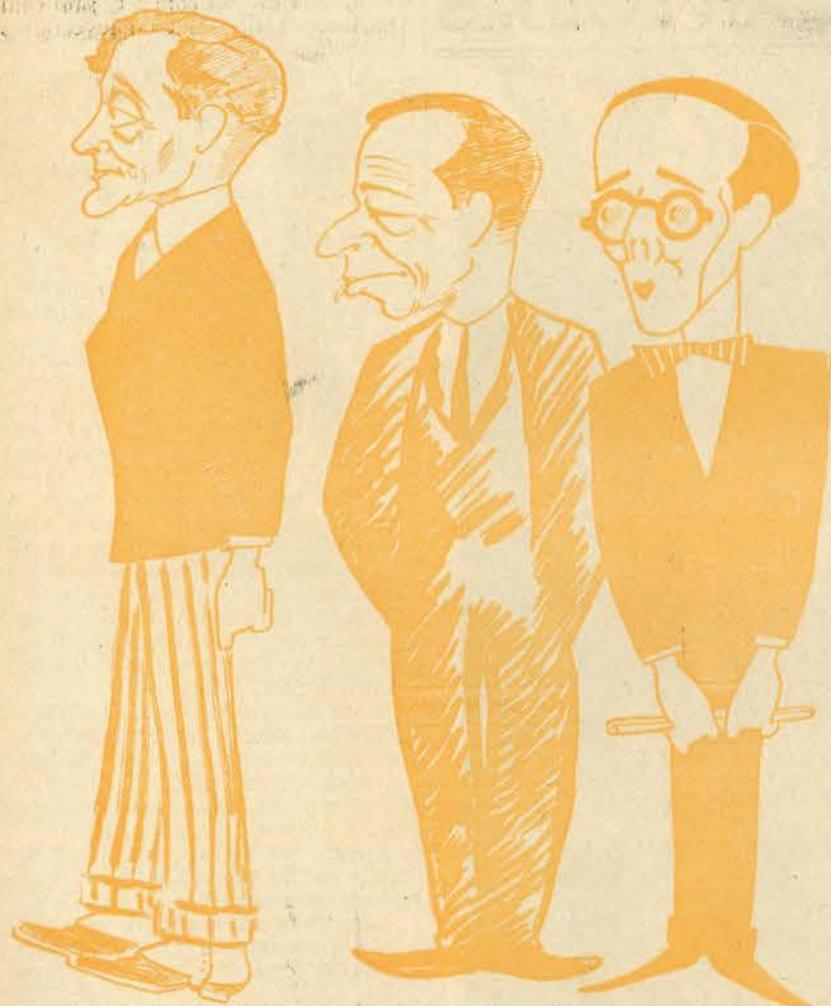
— «A propósito de «assevera»: Vocês aplaudiram-me na *Severa*, filhos?»

### Vasco Santana

Vasco Santana, depois de tomar uma injeção contra o garrotilho, duas pílulas anti-herpéticas, uma hóstia contra a colemia familiar, um comprimido contra a menopausa e uma fricção anti-rábica, desce ao proscénio e, numa imitação prodigiosa de Chaby, principia:

— «*Não fazem ninho os bacilos Nas cavernas dos pulmões! E eram felizes, os «cões!*»

E o nosso simpático e, porventura linfático, Vasco, vascolejando a bar-



«pneumotorax» do Semide foram substituídos por «arranha-tímpanos» oferecidos pelo nosso adorável Vitor França, — e alguns doentes curaram-se ingerindo, apenas, dois ou três sêlos anti-tuberculose...

Foi uma semana de primeira água, louvado seja S. Tiago... de Almeida! Mas, a verdade é que

nico mercado, pelos ilustres artistas completamente teatrais que actualmente se encontram nesta cidade... E a graça comunicativa que os insignes comediantes de ambos os sexos puseram na sua colaboração, aumentaram rapidamente a vitalidade dos tecidos, activando a formação dos glóbulos vermelhos nos cloro-anémicos que ali foram



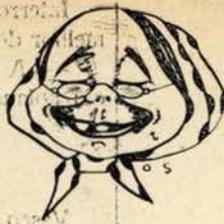
Comprem a minha Arte de Dizer, com um prefácio de Coquelin...»

### Alegrim

O nosso Silvestre, muitíssimo Timpanas, desliza até nós. Vem fotogénico e fonogénico, — e exclama:

— «A Ciência moderna assevera...»





## Um pouco de história

Cid

*Nuestro hermano* Cid recebeu na pia o nome de Rodrigo, com o contrapés de Dias de Bivar.

Como o chamadoiro era prosaico de mais para quem estava destinado a subir aos píncaros da glória, resolveu um comite secreto crismá-lo com o curto mas pomposo nome de Cid.

O pai do nosso herói tinha outro filho que dava pelo nome de Adão, e acontecia que, desde manhã à noite, andava constantemente a chamar pelos dois: Cid! Adão! Cid! Adão!

E foi de tanto ouvir Cid... Adão... que o pequeno futuro herói deixou de ser súbdito, alistando-se no partido avançado republicano, passando por esse facto a ser o senhor Cid, cidadão.

Tornou-se célebre nas guerras contra os mouros, conseguindo ser o mais notável dos cavaleiros espanhóis, deixando, porém, muito a desejar ao lado dos cavaleiros portugueses, como Simão da Meiga, Núncio e Luís Lopes.

Depois de dar muita castanha nos mouros, — aí pelo ano de 1080, — regressou a Madrid em 1931, tomando parte activa na implantação da República, pela qual se bateu, juntamente com outros valerosos republicanos, como Romanones, Sanjurjo, Sanches Guerra, etc.

O Governo de Azaña para premiar os seus valiosos serviços prestados à causa, deu-lhe o título de Campeador, que equivale a dois campeões, tornando assim, para toda a Espanha e para o mundo: Cid Campeador, notável cavaleiro republicano, especialista em ferros de palmo.

## Quadro antigo

Porque a sorte nem sempre favorece,  
Depois de rico ser, pobre me vi;  
Todos os meus amigos eu perdi...  
— Que a desventura amigos não conhece.

Andrajoso, sem lar e sem benesse,  
A todos mendiguei, triste, pedi:  
Mas nem sequer aquele a quem servi,  
Do meu infortúnio atroz se compadece.

Por fim tudo mudou, chegando um dia  
Em que a perdida sorte retornava  
E de novo a opulência me trazia.

Pois agora, que eu menos precisava,  
Tudo, enfim, já de mim se apercebia,  
E o número de amigos... aumentava!

ALBANUS.

## O desafio Pôrto-Salgueiros

Havíamos jurado aos nossos botões que iríamos ao desafio Salgueiros-Pôrto, ainda que fôsse a pagar e debaixo de água. E assim nos aconteceu, graças a Deus. A trôco duns miserios doze escudos — catixa — e debaixo dum guarda-chuva monstro, tomámos lugar nas bancadas centrais, rente ao teto, porque os outros lugares estavam todos tomados. Só depois soubemos, que tinham sido tomados... de assalto, segundo o que ouvimos a um empregado da casa, que obrigou muita gente a levantar-se.

Adiante:

A's cinco horas precisas, deu entrada no campo a... chuva acompanhada pelos Salgueiristas. Houve palmas a tudo, e o Jorge Teixeira estendeu-se logo ao comprido, ficando a jogar metade pelo Salgueiros e metade preto.

Três minutos depois, entrou o Pôrto e as palmas redobraram.

O árbitro também entrou, coitado, mas via-se bem que não tinha nenhuma vontade de estar ali. Soubemos depois que tinha feito testamento. Vimos claramente que lhe tremia o apito.

Durante o primeiro quarto de hora, não houve nada digno de registo. Todo o jôgo foi feito para a esquerda, e como era longe e a chuva não deixava ver, limitamo-nos a ouvir.

Bola fora pelo menos setecentas vezes, e seiscentos e noventa e nove castigos por não saberem lançar.

Aos trinta minutos de jôgo deu um chuveiro de tal forma que o jôgo passou a ser de *water-polo*. A assistência gramou tudo a pé firme.

Aos trinta e cinco minutos, já ninguém conhecia nem o Sciska, nem o Jorge Teixeira, nem o Pinga, nem o Sousa das pernas grandes. A bola andava no campo, como aquelas pedrinhas que a gente atira à água para fazer *galo, galinha e peru*...

O Oliveira do Salgueiros defendeu trezentas e cinqüenta e duas vezes e houve vinte e sete *corners*. O Pinga estava numa pinga, e o Avelino tinha a carapuça num charco. O Castro teve dezasseis avançadas e outras tantas es-corregadelas.

## Meio tempo

Chama-se assim em *foot-ball*; mas o tempo era sempre o mesmo. Chovia como se fôsse na rua, e o Domingos Soares e o Pinto, berravam contra os que estavam em pé na sua frente.

E' verdade; também o Bento so-prava e pedia a Deus que mandasse ao

menos um bocadinho de papel mata-borrão para chupar a água do campo.

Depois do descanso semanal, voltaram os jogadores. Equipes secas, o Pinga com calças pardas, e o Castro tão decotado que até parecia mal.

Começou o jôgo. Bola para um lado, lama para o outro, e o Oliveira desata a defender com tanta certeza que até fazia vertigens. Nem Waldemar, nem Pinga, nem Acácio! Ele acaciava-as todas. Até que, depois do quinto chuveiro entrou o primeiro goal que foi também um chuveiro de sorte.

Muitas palmas, muito regosijo e o Jorge Teixeira começou a mostrar que sabia dar pontapés em tudo, até na boa educação.

Mais um tempo, outro chuveiro, e o segundo goal não se fêz esperar, porque a bola, coitada! andava molhada até aos ossos.

E assim ficou o resultado em dois à zero, o que demonstrou que os dois *teams* sabem jogar debaixo de água.

## Ensinamentos

1.º Pela primeira vez soubemos a razão porque se diz, quando um guarda redes se estica, que dá um mergulho: não há dúvida; no domingo não tinha outro remédio senão mergulhar.

2.º E tudo isto foi feito a dentro das normas do *association* e do verdadeiro campo da constituição.

3.º Não houve tiros. Nem do trio fantástico, nem da assistência, nem da polícia.

## Conselhos de segunda classe

Se algum dia leverses tua mulher a um desafio de *foot-ball*, leva também um masso de algodão em rama, para lhe tapares os ouvidos; ou então escolhe uma mulher surda.

Os únicos jogadores que se portam como homens, são os dos grupos infantis.

Numa aula de História, o professor descreve o conflito havido, no século XVIII, entre a Prússia, a Rússia e a Turquia:

— Então, o rei Frederico II e a imperatriz Catarina fizeram pressão sobre o *Divan*. E o *Divan* cedeu...

Comentário de uma aluna:

— Não admira. Ambos êsses monarcas pesavam muito... na política mundial.

# POR MAL DOS NOSSOS PECADOS

(Impressões de dois lisboetas de empréstimo)

## UM TEODORO... QUE NÃO QUIS O SONORO

Com o rolar dos anos, irritante fenómeno que apenas serve para embranquecer os cabelos e depauperar as energias, aparecem no género humano as mais extravagantes e disparatadas concepções de inovação. Não queremos referir-nos aos aparelhos de T. S. F. que servem para endoidecer os pacientes auditores, nem às suas parentes grafonolas, autêntica injeção de agulha lavada a cada freguês, nem sequer ainda aos famigerados telefones, cuja veloz utilidade só não conhece quem não tenha perdido duas horas à espera de uma ligação com o vizinho do lado. Não; essas partículas do progresso, admiramo-las, enaltecemo-las, e pedimos a todos os santos que nos livrem delas! Queremos referir-nos, desta vez, ao espírito de progressiva audácia que domina o actual sentimento humano. Aos heróis que nos mimoseiam com o seu falecimento por terem levado um pontapé no *football*; aos prodígios que passam desta para melhor porque caíram, ao tentar uma escalada a qualquer torre gigantesca; aos brutamontes que vão para o hospital pela glória de um sóco apalhado ao *box*; e ainda aos *recordman* que baixam ao túmulo, cobertos de louros, pelo *emborcamento* de muitos litros de aguardente, numa casa das de loureiro à porta. São proezas, a todos os títulos respeitáveis, pelo arrôjo, pela temeridade, pela valentia, e merecedoras de estátuas e nomes de ruas, se bem que ninguém pense em premiar com iguais compensações todos aqueles que sejam *contribuintes* ou que casem com uma mulher cuja mãe tenha saúde, pese 85 quilos e *ascenda* a mais de 1<sup>m</sup>.70 de sólida altura. Pois senhores: esses heróis do disparate, detentores da audácia-circo, da coragem-espectáculo, surgem actualmente por todos os lados, como fruto abundante do nosso século, a que o vulgo chama das luzes, para regosio das célebres Companhias Reunidas Gás e Electricidade! E como já havia a *bicha solitária*, o *Só* de António Nobre, o *enfim sós* e o *só duma banda*, apareceu a epidemia dos *navegadores solitários*, para arrelhar o rifão popular que apregoa aos sete ventos: *Só se veja quem só se deseja!*

Desta feita é o senhor Teodoro Helm que avança ao reconhecimento dos peixinhos, e avança com certeza... até isolar, porque o mesmo tem sucedido aos seus congéneres rihafolescos. Vai à América e ninguém tem nada com isso. De resto não o mandaram; vai porque quer ir! E aqui para nós a *África* também não é grande. Neste País que ele escolheu para ponto de partida, há cerca de seis milhões de pessoas que tem ido no bote com muito menos cantigas e muito piores conseqüências! Dizem que preveniu a sua despesa náutica com o mais que pôde, galhofando da cantiga «quem parte leva saudades». Não; este tratou de levar os melhores petiscos, porque lhe disseram antes de partir que as nossas tristezas nunca conseguiram pagar a dívida... flutuante como o seu barco e de esticar e encolher como a sua cama de borracha.

Noticiam os jornais que levou 160 litros de água e 20 de vinho. Grande novidade esta! Bastava terem dito apenas que o vinho fôra comprado em qualquer taberna lusitana; e com certeza o vendedor era um honrado negociante, com exclusivo da procedência, porque se assim não fôsse, os 20 litros do precioso néctar, seriam promovidos a 10, por distinção, em benefício da água, que não é para estragar! Nem os micróbios do tifo, nem a cal, nem os outros brindes salutares que o sr. Carlos Pereira oferece aos consumidores da Companhia que dirige, precisam agora da mistura duma porcaria que até se faz em Paris e dizem que é portuguesa!

O visionário nauta, leva ainda cautelosamente, como instrumento protector, um enorme arpão, para, segundo declara, se defender dos tubarões; e consta-nos que se tivesse partido de qualquer outro ponto do globo, não se lhe teria metido na cabeça semelhante ideia. Mas como começou a encontrar *tubarões* na nossa

fronteira e esbarrou com a parada máxima ao embarcar, no Terreiro do Paço, lembrou-se de que o mar também tem amantes... para sustentar e tratou de prevenir-se. Fêz muito bem. Pode suceder que os bicharocos se acumulem aqui e acolá e depois, no meio de semelhantes acumulações não é para estranhar que a embarcação dê uma reviravolta e acabe por ir tudo ao fundo!...

Leva ainda um livro de inglês para passar o tempo, quando podia levar alguns livros nacionais para adormecer; e quanto ao guarda-sol monstro, também foi disparate. Monstro por monstro, podia ter levado o *Estandarte*. Ao menos sempre era... de *Ferro*; e no caso da viagem ser bonança e desejar, ao chegar à costa, uma emoção forte, bastar-lhe-ia abrir uma só fôlha para que a chuva de raios e coriscos fôsse inevitável, tão inevitável e persistente como no próprio *mar alto*.

Ora o mais bonito da festa é que surgiu o senhor António Pereira de Castro, di-lo o «Notícias» de hoje, e ofereceu ao senhor Teodoro o melhor de 50 contos e um emprêgo chorado, para que não empreendesse a viagem! O' céus!!! E fala-se em crise e em desemprego! E' um puro engano! Quem navegar em certas águas consegue tudo! Nós até já pensamos em *íçar* a vela, a ver se aparece algum Castro que nos pague para nós não irmos à outra banda! Mas isso sim! Naturalmente nem o Castro do Sá da Bandeira se metia em semelhante *Emprêsa!*... E' isto; dá Deus as *nauses*... a quem não tem *Pereiras!*

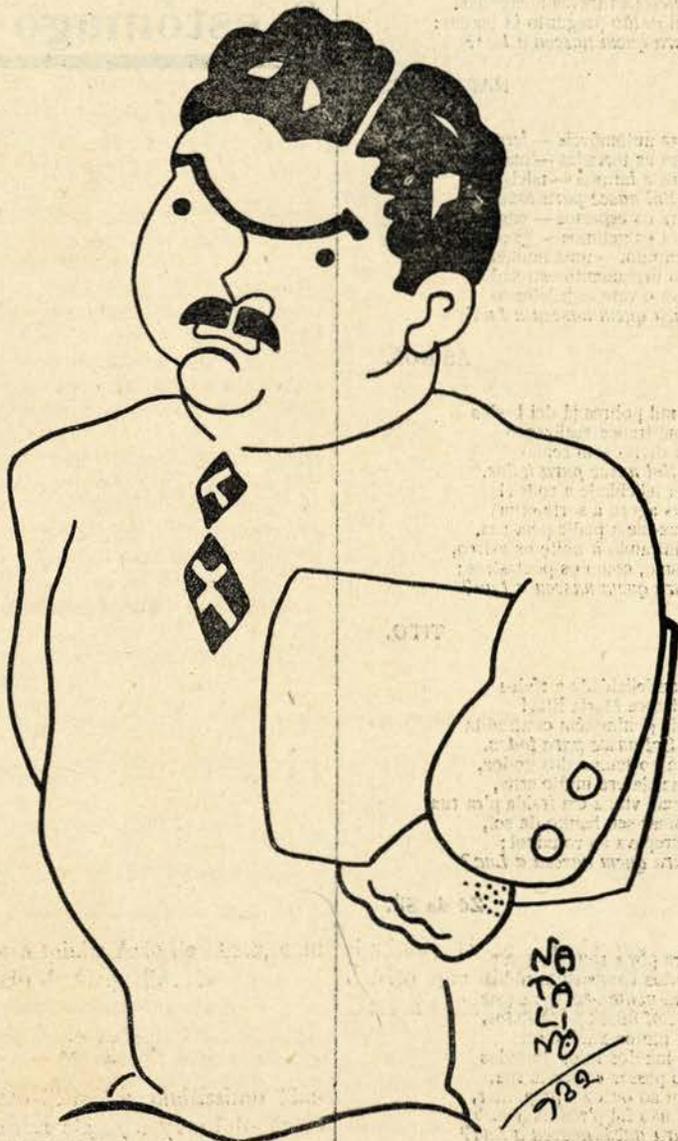
E lá vai aquele homem... *burra fora já, já, já*, desafiando em velocidade os antigos Transportes Marítimos do Estado!...

Há quem diga que os 50 contos eram em metal *sonoro*; e daí, à força de lhe cantarem «*Teodoro, não vás ao sonoro*», deixou a massa e pôs-se ao fresco!

Nós, porém, somos de outra opinião. E' que o simpático aventureiro, viu, observou, conviveu, pensou, meditou, reflectiu e disse lá consigo: «Nada! Deixa-me raspar! Isto é tudo muito boa gente mas vou pôr-me ao largo; porque elles lá tinham as suas razões quando inventaram o rifão «*Mais vale só do que mal acompanhado!*...»

Irmãos UNIDOS.

## DR. PAIS E SOUSA



(Caricatura de Natalino).

Para o mote

*O Sol nasce para todos,  
Para quem nasceu a Lua?*

recebemos, entre outras, as seguintes glosas:

Nossos louvores são a rodos,  
Ao Sol bom que alumia!...  
Dando a todos a alegria,  
*O Sol nasce para todos!*  
Seus sorrisos, são engodos!  
Para ver a Lua nua,  
Qual verdade nua e crua,  
Foi espreitá-la do poente!...  
Seria a este astro sômente,  
*Para quem nasceu a Lua?!...*

Alfredo Cunha (RAZA).

P'ro sapo nascem os lodos;  
P'ros sardões nascem sardões;  
P'ros leões nascem leões,  
*O Sol nasce para todos.*  
O mundo é cheio de engodos,  
E por isso a vida é crua.  
Quem ama a verdade nua  
Detesta as trevas horrendas.  
Vai *antão* pergunto às lendas:  
*Para quem nasceu a Lua?*

NARIGUDO.

Para automóveis — ferrodos;  
Para as torradas — manteiga;  
Para a farinha — taleiga;  
*O Sol nasce para todos.*  
Para os espertos — engôdos;  
Para os gatunos — gazua;  
P'ra mim — uma mulher nua;  
E o firmamento estrelado  
Para o vate esgadelhado  
*Para quem nasceu a Lua?*

ASINUS.

A mil pobres já dei bodos  
Com franca realização  
Da divisa sem senão  
*O Sol nasce para todos.*  
Dei felicidade a rodos!  
Mas agora a sorte crua  
Traz-me a pedir pela rua,  
E mirando à noite os astros,  
Cismo, como os poetastros;  
*Para quem nasceu a Lua?*

TITO.

Traz felicidade a ródos  
A fresca Maria Rita!  
Pois já ninguém contradita  
*O Sol nasce para todos.*  
Até no tempo dos godos,  
Que ela era muito crua,  
Quem vinha em fralda p'ra rua  
Tomar seu banho de sol,  
Increpava ao rouxinol;  
*Para quem nasceu a Lua?*

Zé da SÊ.

P'ra pôr a roupa a secar  
Todos temos sol a ródos  
P'ra gente não se zangar  
*O Sol nasce para todos.*  
Vi juntos a namorar  
A' luz dos raios doirados  
Ao passar em certa rua,  
Um ao outro a perguntar,  
Se não foi p'ros namorados  
*Para quem nasceu a Lua?*

BRISTOL, 410.

Com os teus alegres modos  
Bizarra Maria Rita  
Deixaste na fôlha escrita:  
*O Sol nasce para todos.*  
Ele nos dá luz a rodos;  
E' verdade. Mas na rua  
Quando topo a cara tua  
Que de longe se lobriga  
Digo: — «Foi p'ra ti, amiga,  
*Para quem nasceu a Lua!...*»

ORQUÍDEA.

Mote a concurso, recebendo-se as glosas até  
Têrça-feira:

*Quem quer, vai; quem não quer, manda;  
Quem tem medo, compra um cdo.*

ACHADOS

Luvras — Em segundas mãos. Acha-  
ram-se. Entregam-se a quem provar  
pertencer-lhe. E' necessário que lhe  
assentem como uma luva.

## O estômago e as opiniões



— Mas tu, dantes, eras um anarquista medonho!...  
— Pois, sim, mas agora tenho mulher e quatro filhos!

# ANUNCIOS

## da MARIA RITA

Ofertas

**Reformado** — Dá-se um emprêgo vitalício. Idade dezóito anos. Se fôr louro, melhor. E' para tratar de papagaios.

**Cintas elásticas** — Em segunda barriga. Vende-se um grande saldo.

Aluga-se

**Alemão** — Em bom estado. Próprio para ensinar meninas. Não lhe falta nada. 5 anos de uso. Aluga-se ao mês.

(Em cima esqueceu dizer que era um piano. Desculpem).

Precisa-se

**Tratado de crítica** — Compra-se por qualquer preço. Carta urgente indicando autor às seguintes iniciais F. P. L. (Barbearia Belo — Rua de Cedofeita).



## Quem é?

Anda lá pelas Américas,  
A levar e a receber.  
Tem o nome dum marisco,  
Mas não se deixa comer.

Oxalá que quando volte,  
Venha com massas e são,  
E traga dentro das malas  
O Título de Campeão.

### FERVIDO.

Decifrações do último número: — *Quem é?*:  
MARIA RITA. — *Adivinha*: ATO. — *Anexim*:  
Quem tem medo, compra um cão.

*Matadores*: — Cardial Mira, Rei dos Borlitas,  
Rei do Jaz, Maririta, Conde da Palmeira,  
Rei Vitalício, Dr. Rotchactoff, Brancuras, Rei  
do Orco.

## Revista Semanal

Do Diário de Notícias:

### Lili

*Estou cheia de saúdaes e de tristeza pela tua falta... ontem. Isto comparado com o que prometeste...*

Nós não temos nada com o que o Lili prometeu, e muito menos com o que êle faltou... mas achávamos conveniente que cada um ficasse com os seus desgostos em casa.

\*

A' saída da igreja dos Congregados: Duas velhotas daquelas que hão de ir a rezar para o Inferno, falavam da expulsão das ordens religiosas pela República Espanhola; dizia uma delas. — Aquilo é que é gente má, senhora Serafina! Calcule que obrigaram a sair de Espanha todos os carmelitas descalços?...

A outra ouviu e enfiou rapidamente para a igreja a rezar um padre-nosso em louvor dos pés dos carmelitas.

\*

Certo indivíduo é atropelado por um automóvel. Levam-no ao Hospital, onde se reconhece que uma das rodas lhe passou sobre os olhos, cegando-o, e outra pelo ventre, produzindo-lhe paralisia das excreções.

### Comentário do desgraçado:

— Fiquei nas condições de um dono de casa que deixou de pagar os serviços municipalizados. Cortaram-me a luz, a água... e o gás!



## O Anacleto e as bichas

Morreu ontem o Anacleto. Pobre homem! Teve um entêrro muito bonito, com lindas coroas, *bouquets*, três parelhas, muita gente de preto, uma grande fila de carros... Palavra de honra que esteve bonito.

A desolada viúva ficou tão entusiasmada que desabafou com o sr. Crispim, amigo íntimo do morto, quando êle lhe contou o sucesso do funeral e lhe fez entrega da chave do caixão: — "Que pena não me deixarem ir ver! Se eu soubesse que a coisa corria assim, tinha convidado os meus primos da província. Nada, para outra vez, não falto". — Bem. Deixemos a alegria da viúva e vamos ao morto.

\*

Os senhores sabem de que morreu o Anacleto? Não sabem? — Das bichas! E' verdade. As bichas foram a arrelia de tôda a sua vida.

Criança ainda, adoeceu. Veio o médico: — "O que o menino tem são bichas, bichas e mais nada".

E desde então para cá, nunca mais as bichas largaram o desditoso Anacleto.

Uma bicha de rabiari queimou-lhe o nariz e êle rabiou durante um mês.

Logo a seguir, uma bicha-cadela (que não trazia açamo) ferrou-lhe num dedo da mão.

E ainda não estava bom dessas duas bichas, surge-lhe outra, a solitária, com um metro e cinqüenta de comprido, que o Anacleto teve de exhibir às series por não ter *écran* para a projectar duma só vez!

As bichas! As bichas!

De dia, de noite, ao almôço, ao jantar, na cama, [sempre as bichas o perseguiam!

\*

Aos vinte anos teve um namôro. A pequena avezava uns olhos garotos e uma fortuna avultada. A coisa pegou, e o casório ia realizar-se em breve, quando um amigo do Anacleto, conhecedor da riqueza da noiva, se lembrou de lhe dizer: — "Vais casar bem? Eu conheço a pequena. E' rica. Casando, abichas uns cobres e..."

— "Abichas? — interrompeu indignado o Anacleto. — Pois já não caso!" E não casou daquela vez.

\*

Veio a guerra e com ela a epidemia das bichas, que nunca mais nos largou.

Principiou pelas bichas para o pão e bichas para o açúcar, para depois se estenderem as bichas por todos os lados. Bichas nos *guichets* dos teatros, bichas nos combóios, bichas nas repartições... Tornou-se moda. Pegaram as bichas!

Com tantos anos de bicharada, o Anacleto adoeceu. Tinha como enfermeiras duas bichas, a mulher e a sogra.

Já era azar! Piorou. No delírio da febre, via constantemente passear-lhe pelo quarto uma grande bicha de bichas. Ante-ontem o seu estado agravou-se.

Compareceu o facultativo. E depois de examinar o doente com tôda a atenção, disse para a espôsa do Anacleto:

— "Minha senhora, aqui só há um remédio. E' sangrá-lo. Mandê buscar as bichas!"

O Anacleto ouviu. Disse uma indecência ao médico... e morreu.

### LEIDOAR.

## Farrapos da ciência

ou por outra:

### ciência esfarrapada

#### Predições astrológicas para o mês de Maio

Continuamos no mesmo signo dos *Gêmeos*. Maio é por isso o mês dos fadinhos:

O' gêmeos, guitarra, gêmeos.

Além das características que êste signo faz incidir naqueles que sob êle tiveram a desdita de nascer, podemos acrescentar que são dados às foleganças e romarias. Senhora da Hora, Santa Rita, Senhor de Matozinhos e o Senhor da Pedra bastarão para atestá-lo.

Também é certo que quem nascer no mês de Maio não é capaz de fazer anos em Junho.

Damos em seguida a signa da terceira semana:  
*Dia 15* — Serão carecas sem distinção de sexos.

*Dia 16* — Inclinação ao espiritismo e às coisas occultas. Usarão lunetas fumadas.

*Dia 17* — E' uma terça-feira, e por isso não nascerá ninguém, porque é azar nascer à terça-feira.

*Dia 18* — As criaturas que tiverem a felicidade de nascer neste dia, fazem anos precisamente no mesmo dia dos anos seguintes. Serão árbitros de *foot-ball* e darão desgostos à família.

*Dia 19* — Se fôr varão casará quatro vezes em segundas núpcias; se fôr donzela, ficará solteira, devido ao seu natural romântico.

*Dia 20* — Também não nascerá ninguém. Mau! Desta maneira acabar-se-á o mundo.

*Dia 21* — Dados a manifestações de tôda a espécie, inclusivê coleccionadores de selos e de semanas de qualquer coisa com 50 escudos de abatimento.

Astrólogo BARBATANA.



## IMPRESSÕES DA FRANÇA

(Do nosso enviado especial)

A política em França usa luvas de camurça e calça sapatos de verniz com sola crepe.

Os ideais roçam uns pelos outros, como o ruje-ruje das sêdas toca pelos veludos e setins.

L'«Action Française» e l'«Humanité», passam ombro a ombro, ciosas das suas ideias, orgulhosas dos seus lemas, mas sem que a foice comunista se atreva a ceifar a aristocrática flor de liz.

O Daudet! O Cachin!...

E no meio, a servir de fiel da balança, o Tardieu, com umas lunetas muito simpáticas e um sorrizinho tranqüilo e sossegado, de pessoa que conhece

bem os seus patrícios e sabe que esquerdas e direitas se chegam ao centro acolhedor, quando toca a rebate no coração dos patriotas.

\*

Muita gente ignora a etimologia de algumas das primeiras praças e jardins de Paris.

Não nos podemos furtar a dizer qual o motivo que deu ao a que se chamem Tulherias ao magnífico jardim universalmente conhecido:

Regressavam, uma bela noite, do cinema, Luís XIV com a gentilíssima artista do écran, Maria Antonieta, quando

esta se lembrou de dirigir a seguinte frase ao rei:

— Se eu pretendesse fugir, serias capaz de me tolher os passos?

— Era, sim.

— Tolherias?

*Tulherias... voilà!*

...E ainda sabemos mais coisas neste género, que um dia havemos de contar.

Uma das coisas mais importantes que aconteceu em França foi a chamada Revolução francesa.

Se o Danton, o Robespierre e o Marat se teem lembrado de ir fazer a revolução francesa para a Suíça, já Paris não despertava o interêsse que desperta...

## Humorismo Trágico



A última esperança do império

(Do jornal alemão A I Z).

# PEÇAS E



## UM CINÉFILO

Comédia de hoje: Dois actos e outros tantos personagens

### ACTO I

*A' esquina dos Lóios. Manuel Picaluga, rapaz de 20 anos, de monóculo, casaquinho cintado e calças com o calibre de um canhão Berta, encontra Fernanda Condeixa, da mesma idade: rapariga desempenada, absolutamente moderna.*

FERNANDA

Como você vai pinoca!

MANUEL, *sem grande entusiasmo*

Que pêssega você anda!

FERNANDA

Acha?

MANUEL, *por prazer*

De-certo, Fernanda!

A sua silhueta evoca não sei que figura antiga, de estas que a História nos foca.

FERNANDA

Dido talvez?

MANUEL

Tal não diga!

Dido era um homem.

FERNANDA

Então,

Cleópatra?

MANUEL

Também não.

Tinha alma demoníaca essa deusa do Indústria. P'ra melhor comparação: Santa Maria Egipcíaca.

FERNANDA

A que viveu no sertão? E' com assombro que noto que você se fez devoto.

MANUEL

Apostólico-romano!  
*(outro tom:)*  
Mas de parola já basta, porque vou benzer a pasta.

FERNANDA

Você é já quintanista?  
Jesus! Como o tempo passa!

MANUEL

Não sou. Fiz-me publicista, *(tirando da algibeira uma bisnaga e mostrando-a:)*  
Mas uso pasta Couraça!

### ACTO II

*A' noite, no cinema do «Águia d'Oiro». Sala já às escuras e a «fita» correndo. Guiada por um «arrumador», Fernanda vai procurando a sua cadeira, até dar com ela e sentar-se. Fica, por acaso, junto de Manuel.*

FERNANDA

Quem se quer sempre se encontra!  
E' hoje a segunda vez!

MANUEL

Vem ver a *Pele de Lontra?*

FERNANDA

Venho. E' bonita?

MANUEL, *desdenhoso*

Talvez...

FERNANDA, *agarrando-lhe na mão e apontando para o «écran»*

O' Manuelzinho! Que linda mulher a Dores Costelo!

MANUEL

Não vale nem um cigarro... *(Animando-se, à medida que vão surgindo outras personagens:)*  
Veja! E' o Ramon Novarro!  
Este, sim! Que homem! Que belo!

FERNANDA

Há portugueses que o são ainda mais.

MANUEL, *indignado*

Que diz?!

FERNANDA, *muito meiga*

Você, por exemplo... Ao vê-lo aqui, eu sinto o louco desejo *(encostando-lhe a cabeça ao ombro:)* de morrer unida a si, num comprido e doce beijo.

MANUEL, *formalizado*

Então, Fernanda! Juízo!  
Eu sou um homem capaz! *(outra vez entusiasmado:)*  
Olhe o Gilbert! Que sorriso!  
Que beleza de rapaz!

FERNANDA, *apontando*

E a Thelma Todd?

MANUEL

Está gasta.  
Prefiro-lhe o James Hell. *(Notando que ela se lhe encosta de novo:)*  
Vá! Não se chegue!

FERNANDA, *com um grande desprezo*

O' Manuel!

Você sempre é de uma casta!  
O que lucra em usar pasta, se não passa de um... pastel?

TURIDDU.

### CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira*: — Companhia Lucília Simões-Eurico Braga — *O Estandarte*.

*Rivoli*: — Companhia António Macedo — *A Morgadinha de Val Flor*.

*Águia d'Ouro*: — Cinema sonoro: *Trader Horn*.

*Trindade*: — O film sonoro: *Um Homem Feltz*.

*Olimpia*: — A cine opereta de Lehar: *No País dos Sorrisos*.

*Batalha*: — O film de sucesso: *O Congresso que Dança*.

# Biblioteca do lar Colecção de hoje

## Romances para as mãs e para os filhos

**Henri Ardel**

- Fogo Mal Extingido (2.<sup>a</sup> edição).
- É preciso casar João? (2.<sup>a</sup> edição).
- A Alvorada (2.<sup>a</sup> edição).
- Uma Aventura Imprudente (2.<sup>a</sup> edição).
- A Divina Canção (2.<sup>a</sup> edição).
- A Noite Desce (2.<sup>a</sup> edição).
- O Caminho em Decisão.
- Azul e Branco (3.<sup>a</sup> edição).

**Jean Thiéry**

- O Canto do Curco.
- O Romance dum Solteirão.
- Corações Maguados.
- Vítimas.

**M. Dolly**

- Uma Mulher Sedutora (3.<sup>a</sup> edição).
- Por trás da Máscara (2.<sup>a</sup> edição).
- O Tesouro Sagrado (2.<sup>a</sup> edição).

**Paul Bourget**

- O Fantasma.
- Hilda Campbell.

**B. Jeanroy**

- Dois Corações.

**M. La Bruyère**

- Flor de Lis.

**M. Damad**

- A Entoadá.

**Edoardo Noronha**

- Com os olhos na Pátria.
- As Mulheres de Pernambuco.

**António Zozaya**

- As Auroras.
- Almas de Mulheres.

**Georges de Peyrebrune**

- Dona Quichota.

**Campoi**

- Dois noivados.

**Alberto Insua**

- Corações Indiferidos.

**Claude Saint-Jean**

- O Castelo dos Noivos.

**Palácio Valdés**

- A Alegria do Capito Ribot.
- A Irmã de S. Sulpício.

**Jean Rameau**

- Romance da Falsidade.

**Pierre de Capleval**

- A Ilha Desconhecida.
- No coração da Viúva.

**Mary Florian**

- Se fit, Se aberra.

**Branca da Silveira e Silva**

- A Herdeira.

## Biblioteca de romances da actualidade

**Alberto Insua**

- O Preto que tinha a Alma Branca (2.<sup>a</sup> edição).
- A Mulher que Precisa de Amor.
- A Mulher que esgotou o Amor.
- O Inimigo do Matrimónio.
- O Prazer do Perigo.

**Clément Vautel**

- Sua Reverendíssima entre os Ricos.
- Sua Reverendíssima entre os Pobres.
- Minha Mulher não quer Filhos.
- Uma Menina sem Cerimónia.
- O Amor à Parisiense.
- Uma Mulher de Temperamento.
- A Reabertura do Paraíso Terrestre.
- Sou um Burguês Terrível.

**Pierre Benoit**

- O Poço de Jacob.
- A Calçada dos Gigantes.
- Mademoiselle de la Ferté.
- O Lago Salgado.

**Palácio Valdés**

- Os «Majos» de Cadiz.
- Marta e Maria.
- Riverita.

**A. Hernandez Catá**

- Os Sete Pecados.
- O Bebedor de Lágrimas.

**Fernandez Flores**

- As Sete Colinas.
- O Segredo do Barba-Azul.

**José Francés**

- A Mulher de Ninguém.
- O Filho da Noite.

**Pedro Mata**

- Um Grito na Noite.
- Corações sem Rumor.

**Alfio Berreta**

- A Morte do Sonho.

**Tomás Borrás**

- A Mulher de Sal.

**Cada volume brochado, 10\$000 — Encadernado, 15\$00**

**Pedidos à EMPRESA CIVILIZAÇÃO — Rua do ALMADA, 107-2.º — PÓRTO**